

**FOSFOETANOLAMINA SINTÉTICA: DISCURSO DE DIVULGAÇÃO
CIENTÍFICA, EFEITOS DE CIENTIFICIDADE E APELO SOCIAL NA
MEDIÇÃO TELEVISIVA**

Antônio Inácio dos Santos de Paula¹
Marluza Terezinha da Rosa²

RESUMO

É sabida a problemática do espaço (não) destinado pela mídia brasileira para tratar de assuntos relacionados às ciências da saúde. Por isso, instigado pelo discurso jornalístico, mais precisamente, por reportagens televisionadas nas quais essa propagação ocorre, este estudo ampara-se na Análise do Discurso (A.D) Pêcheutiana e analisa o discurso da divulgação científica construído nas edições sobre a Fosfoetanolamina Sintética, exibidas pelos programas televisionados: Conexão Repórter - SBT e Domingo Espetacular - Record, nos dias 18 de outubro e 14 de novembro de 2015, respectivamente, quando acontece o ápice do debate sobre essa nova substância como possível tratamento contra o câncer. Ao questionar os artifícios utilizados na produção do jornalismo científico, Burkett (1990) atribui-lhe a responsabilidade, muitas vezes, pela espetacularização da ciência e pela fomentação de ilusões, como no caso da ciência médica. Para compreender isso, reflete-se sobre o processo de produção da prática jornalística quando se diz fazer divulgação científica. Identifica-se de que modo a heterogeneidade discursiva se manifesta nos dizeres e problematiza-se os possíveis efeitos de sentido dessa heterogeneidade discursiva em reportagens televisionadas. Nesse sentido, o trabalho reflete sobre o processo de produção e circulação do discurso do jornalismo científico, considerando a inter-relação da tríade apelo social, científicidade e mediação televisiva.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Jornalismo e Divulgação Científica; Fosfoetanolamina Sintética

**SYNTHETIC PHOSPHOETHANOLAMINE: SCIENCE COMMUNICATION
DISCOURSE, EFFECTS OF SCIENTIFICITY AND SOCIAL APPEAL IN
TELEVISION MEDIATION**

ABSTRACT

It is known that the Brazilian media does not always devote space to health sciences, despite their importance to the population. Therefore, instigated by the journalistic

¹ Formado em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, campus de Frederico Westphalen. Integrante do projeto de pesquisa Discurso, Poder e Política da (In)Visibilidade. Cursando Especialização em Jornalismo Científico, no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo – Labjor e Mestrado em Divulgação Científica e Cultural, no Instituto de Estudos da Linguagem – Iel, ambos na Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Contato: inacioantoniodepaula@gmail.com.

² Professora do Departamento de Ciências da Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, campus de Frederico Westphalen. Coordenadora do projeto de pesquisa Discurso, Poder e Política da (In)Visibilidade – DISPOLI. Contato: marluza.rosa@gmail.com

discourse, this study, based on French Discourse Analysis (AD), investigates the science communication discourse on Synthetic Phosphoethanolamine, at the height of the debate about this new substance as a possible cancer treatment. The feature stories analyzed were broadcast on two Brazilian television shows, Conexão Repórter (SBT) and Domingo Espetacular (Record), on October 18 and November 14, 2015. By questioning the artifices used in the production of scientific journalism, Burkett (1990) attributes to it the responsibility, often for the spectacularization of science and the fostering of illusions, as in the case of medical science. To understand this, the study reflects on the process of production and circulation of scientific journalism. One identifies how discursive heterogeneity is manifested in the words and problematizes the possible meaning effects of this heterogeneity in the object of analysis. In this sense, the interrelationship between social appeal, scientificity and television mediation is explored.

Keywords: Discourse Analysis; Science Communication; Synthetic Phosphoethanolamine

INTRODUÇÃO

Instigado pelo discurso jornalístico, mais precisamente por reportagens televisionadas, este estudo³ se ampara na Análise do Discurso (AD) e analisa o discurso da divulgação científica construído em duas edições sobre a Fosfoetanolamina Sintética, exibidas pelos programas televisionados: Conexão Repórter – SBT e Domingo Espetacular – Record, nos dias 18 de outubro e 14 de novembro de 2015, respectivamente, quando acontece o ápice do debate sobre essa nova substância como possível tratamento contra o câncer. As reportagens que constituem o *corpus*, também respectivamente, intitulam-se A Droga da Esperança e Fosfoetanolamina.

Para a realização desta análise, distinguem-se dois aspectos centrais. Primeiramente, os programas em questão são de caráter semanal, difundidos em TV's abertas e não costumam ser voltados especificamente para as redações de divulgação científica⁴. Portanto, eles são exceções. Outra questão é que não são transmissões ao vivo e, portanto, sofrem reorganizações.

³ Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto de pesquisa *Discurso, poder e políticas da (in)visibilidade* (UFSM/FW) e consiste em uma releitura do estudo monográfico de um dos autores.

⁴ Apesar de muitos estudos divergirem sobre qual palavra se deve usar ao levar o conhecimento científico em forma de informação acessível à sociedade, como popularização, vulgarização e até somente jornalismo científico, neste trabalho se optou pelo uso da palavra divulgação por entender que a divulgação científica inclui o jornalismo científico.

No primeiro momento deste trabalho, destacam-se as ideias desenvolvidas pelos filósofos Michel Foucault e Michel Pêcheux e pelas lingüistas Jacqueline Authier-Revuze, Eni Orlandi, autores que consideram a linguagem e seu funcionamento. No mesmo fio, os conceitos de discurso jornalístico (SCHWAAB; ZAMIN, 2014), discurso científico e discurso de divulgação científica (ZAMBONI, 2001) são abordados. Fundamentalmente, a discussão analítica se aprofunda nos estudos sobre a heterogeneidade enunciativa (AUTHIER-REVUZ, 1990).

Tais abordagens teóricas se fazem necessárias, pois, simultaneamente, delineiam o dispositivo de análise que servirá para desenvolver o último momento do estudo, que compete aos resultados, no qual se analisa o discurso de divulgação científica nas reportagens sobre ciência médica, especificamente, que tratam da fosfoetanolamina sintética. Desse modo, a análise se delinea na mediação televisiva, na construção da cientificidade e no funcionamento da heterogeneidade na produção da comoção social como possíveis efeitos de sentido dessas reportagens.

ANÁLISE DO DISCURSO

Diversos estudiosos contribuíram para a compreensão do que significa a Análise do Discurso como teoria e campo disciplinar. Dentre estes se destacam os filósofos Michel Foucault, que se propõe a pensar a relação entre saber, poder e processos de subjetivação, e Michel Pêcheux, que considera a noção de discurso por meio da memória discursiva, conhecida como interdiscurso, principalmente na terceira fase da sua reflexão (PÊCHEUX, 1997).

Desse modo, o discurso é concebido por esse autor como heterogêneo, isto é, atravessado por outros discursos. Sua teoria também visa a compreender em que condições o discurso é produzido e funciona. Assim, a fim de explicar a noção de discurso, Pêcheux lança um outro olhar, que observa a língua em seu funcionamento, quando se produz o discurso. Na apresentação da tradução de “O discurso: estrutura ou acontecimento”, Orlandi argumenta que o autor “propôs uma forma de reflexão sobre a linguagem que aceita o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-feito” (1990, p. 7).

Então, com a AD, desde sua fundação, começa a ser repensada também a compreensão que se tinha sobre o conceito de *sujeito* até aquele momento. Pêcheux compartilha do pensamento crítico de vários outros filósofos e demais pensadores sobre a referida noção, questionando principalmente a concepção de sujeito cartesiano. Desse questionamento, decorre a concepção de sujeito enquanto efeito do discurso, da linguagem, mais precisamente, como parte de um processo discursivo. A reflexão sobre esse processo faz-se necessária para a compreensão da posição sujeito-mediador, assumida pelo jornalista no discurso de divulgação científica, como será abordado posteriormente.

Trazido por Pêcheux da leitura althusseriana, o sujeito, assim como o sentido, é efeito de uma série de práticas ideológicas. Na AD, o sujeito se desloca da autonomia do seu dizer. Isso porque também se consideram as condições de produção em que está inserido, considera-se sua exterioridade. Essa é uma leitura pêcheuxtiana dada a partir da noção de discurso, formulada e pensada como prática ou materialização da ideologia, como explica Orlandi: “O sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo controle sobre o modo como ela o afeta. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia” (2007, p. 26).

Uma consequência dessa noção de sujeito enquanto efeito do discurso é a subversão da noção moderna de sujeito, fundamentada no pensamento de René Descartes (1650). Na sucessão de algumas abordagens da filosofia moderna, o sujeito é definido como uma substância pensante, e nesse sentido, como origem de uma certa ação do pensamento do próprio discurso.

A noção pêcheuxtiana de sujeito desloca o lugar de sujeito que se tinha até o momento e o toma como efeito de um processo que primeiro é dado em relação a ele mesmo, ou seja, ao próprio discurso. Discursivamente, portanto, não apenas os conceitos de sujeito ou discurso, mas também outras questões, que estão sempre interligadas, como as noções de linguagem, social, histórico e ideologia, transformam-se.

Apesar de ser extremamente complexo observar a articulação entre língua e ideologia, exatamente por serem noções nada transparentes, considera-se o discurso

como sendo o lugar em que se pode “observar a articulação entre língua e ideologia” (ORLANDI, 2012, p. 153). Segundo Orlandi (2007), é no funcionamento da linguagem que se percebe o campo discursivo. Em uma relação simultânea, sujeitos e sentidos são afetados pela língua e pela história e, nessa dinâmica, acontece à constituição dos sujeitos e a produção de sentidos.

Quanto ao discurso, este não se encontra desprendido dos elementos linguísticos ou da historicidade, assim como a língua não se restringe a si mesma, livre de equívocos. Isso implica saber que “o discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto” (ORLANDI, 2007, p. 22). O discurso, enquanto “efeito de sentidos” entre locutores, encontra-se delimitado como objeto específico da AD.

Contudo, várias rupturas, deslocamentos e desdobramentos ocorreram das fundações até o que se concebe atualmente enquanto AD; várias também são as reflexões teóricas ainda em construção. O próprio Pêcheux (re)formula algumas das noções desse campo teórico-epistemológico, por exemplo, entre *Análise automática do discurso* (1969) e *Semântica e discurso* (1975). Nesse período, acredita-se que o movimento teórico mais importante tenha sido o percurso de abertura para se pensar o discurso como heterogêneo, sob a ótica do empréstimo e da releitura da noção de formação discursiva.

A partir do que se considera o segundo momento da AD até sua chamada terceira fase (AD3), entrelaça-se a noção de heterogeneidade como determinante da e para a formação discursiva, no mesmo prisma em que se coloca o discurso com natureza heterogênea. Notadamente na AD3, é a linguista Authier-Revuz quem melhor contribui para o entendimento da noção de heterogeneidade discursiva, ou seja, da relação com o discurso-outro como constitutivo da discursividade, sendo esta uma de suas maiores contribuições para a AD.

Authier-Revuz estabelece seu estudo sobre as Heterogeneidades Enunciativas acolhendo a concepção de sujeito proposta pela Psicanálise, já presente no pensamento de Pêcheux, bem como os estudos bakhtinianos acerca da polifonia e do dialogismo. Essa formulação teórica mostra-se importante para a compreensão da noção de

interdiscurso, desenvolvida pela AD como “o que fala antes, em outro lugar” (ORLANDI, 2001, p. 87). Por essa razão, a questão da heterogeneidade será discutida a seguir.

HETEROGENEIDADES ENUNCIATIVAS/DISCURSIVAS

Resumidamente, três fases marcam a trajetória de formação da Teoria da Análise do Discurso. É no terceiro momento da AD que se apresenta o estudo da Heterogeneidade Enunciativa, formulada por Authier-Revuz, que mostra as rupturas no processo da enunciação, descrito por Freda Indursky (2001) como o ressoar de palavras-outras sob uma palavra, sendo palavras de outros. Vale ponderar que até que se chegasse à concepção de heterogeneidade que se tem atualmente na AD, algumas contribuições teóricas foram importantes, como a de Pêcheux em *Remontemos de Foucault a Spinoza* (2003), apresentada no congresso O discurso político: teoria e análises, realizado no México (1977), e a do Colóquio *Matérialités discursives* (1981), que contou, dentre outras, com as intervenções de Françoise Gadet, Jacques Guilhaumou, Jean-Jacques Courtine, Jean-Marie Mandarin, Michel Pêcheux e Jacqueline Authier-Revuz. O colóquio resultou em livro, traduzido no Brasil em 2016.

Em diálogo com os pensamentos de Pêcheux, Authier-Revuz percebe outros elementos presentes no discurso, isto é, a existência de um outro discurso no próprio discurso, conhecida como marcas da heterogeneidade, o que sustenta o desenvolvimento da análise proposta neste trabalho. Dito de outro modo, por meio dessas formulações teóricas, a heterogeneidade pode ser reconhecida e problematizada nas duas reportagens construídas sobre a *fosfoetanolamina sintética*. Para Authier-Revuz (1990), tal processo, na teoria da AD, dá-se basicamente de duas maneiras: constitutiva e mostrada.

Heterogeneidade constitutiva do discurso e heterogeneidade mostrada no discurso representam duas ordens de realidades diferentes: as dos processos reais de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais, de representação, num discurso, de sua constituição (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 32).

Compreende-se que o diálogo e a proximidade entre Authier-Revuz e o coletivo de analistas de discurso em torno de Pêcheux foram importantes para que a linguista pudesse desenvolver seus estudos, de forma a identificar o que entende por marcas da heterogeneidade e, do mesmo modo, foram importantes para as reformulações teóricas pelas quais a AD passou na terceira fase. Assim como Pêcheux, Authier-Revuz considera o caráter constitutivo da heterogeneidade e, embora a concepção dos dois autores sobre o discurso possa ser dessemelhante, a partir dos estudos da autora, pode-se entender que nenhum discurso é puro. Todo e qualquer dizer tem caráter heterogêneo, pois sempre conta com a presença de um outro em si. Afirma-se ainda que o dizer-outro pode se apresentar tanto como representação do interlocutor quanto para retomar aquilo que já foi dito, na necessidade de comprovar e até justificar o que está sendo falado.

Ainda em definição à heterogeneidade enunciativa, Authier-Revuz concebe como mostrada e constitutiva, podendo a primeira ser marcada ou não-marcada. Pensa-se, então, que a heterogeneidade é constitutiva da língua, na medida em que a representação dos interlocutores ou a possibilidade de retorno sobre o próprio dizer serão sempre possíveis. Nesse contexto, Authier-Revuz fundamenta o conceito de heterogeneidade ao entender que “sempre sob as palavras, ‘outras palavras’ são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia (discursiva), se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28). Na relação com o interdiscurso, como explica Orlandi (2007):

Quando nascemos os discursos já estão em processos e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam. Mas não somos o início delas. Elas se realizam em nós em sua materialidade. Essa é uma determinação necessária para que haja sentidos e sujeitos (ORLANDI, 2007, p. 35-36).

De forma semelhante, Zamboni acrescenta que “as palavras não são neutras, nem virgens, assumem sua existência de palavras nos discursos nos quais adquiriram uma vida socialmente sustentada” (2001, p. 23). Se tomado, por exemplo, o próprio modo pelo qual o ser humano conhece o mundo, é possível afirmar que este se dá a partir da relação com o outro. Para que uma criança aprenda a falar, é necessário que ouça alguém. Portanto, o funcionamento da linguagem é sempre derivado de um

conhecimento anterior. Fala-se porque se ouviu falar. Por isso, entende-se que o dito não vem originalmente de quem diz.

Entendida a noção de discurso para a AD e sua heterogeneidade, reflete-se sobre o que determina ou conceitua os discursos que circulam no sistema de comunicação social, dentre os quais se destacam, para a realização deste estudo, o discurso jornalístico, o discurso científico e o discurso de divulgação científica, que serão o foco da próxima subseção.

DISCURSO JORNALÍSTICO, CIENTÍFICO E DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Assim como a profissão de jornalista, o discurso jornalístico é cercado por um imaginário social que o “romantiza” pela possibilidade de fazer serem ouvidas vozes historicamente silenciadas, mas não somente por isso. Como uma de suas principais funções sociais, o discurso jornalístico circula como efeito de credibilidade entre a população. Tão perceptível e comum é esse efeito que, segundo Navarro, “o discurso jornalístico construiu, ao longo do tempo, uma imagem de confiança que – sabemo-lo – é estrategicamente ancorada em índice de objetividade” (2006, p. 84).

Nessa tentativa de apresentar informações objetivas e de fácil compreensão, o jornalista a todo o momento pode recorrer ao roteiro, entendido como um esboço que apresenta: possíveis fontes – institucionais ou não; perguntas que auxiliam no desenvolvimento do texto, seja ele escrito ou oralizado, dado em formato de entrevista, em que acontece um diálogo por meio de perguntas e respostas, a fim de conduzir a construção do material para divulgação. Esse efeito de credibilidade parece se sustentar também na imagem do heroísmo do exercício da profissão, na possibilidade de dar voz a diferentes fontes, por sua vez, inscritas no decorrer da produção jornalística.

Ora, se cabe ao jornalista escolher quais fontes terão voz, é fácil surgir o questionamento sobre a razão de determinados enunciados aparecerem, mas não outros (FOUCAULT, 2008). Assim, da perspectiva da AD, desconsidera-se a famigerada posição neutra ou imparcial, fantasiosamente, construída sob a ótica do romantismo

designada à profissão, pois se é dado o direito de voz para alguém, é porque existe uma escolha. E, quando se escolhe, também se nega/exclui.

Pensa-se o discurso jornalístico como um campo de articulação de outros saberes, no qual há interferência direta da posição que o jornalista ocupa para mediar discursos-outros. Nesse sentido, Schwaab e Zamin compreendem “o discurso jornalístico como formador de redes interdiscursivas, por meio de retomadas, réplicas, atualizações e deslocamentos de outros tantos já-ditos, de dizeres oriundos de campos diversos” (2014, p. 53).

Desse modo, se, para Foucault (1970), nem tudo pode ser dito a qualquer momento a respeito de alguma coisa, o discurso jornalístico funciona como modo de ponderar o que se pode dizer sobre determinado assunto. O jornalista reforça o que foi dito pela retomada de informações em seu dizer, mas “não é um mero receptáculo, ele é um meio, no sentido material” (ORLANDI, 2001, p. 153) e ao mesmo tempo “teatraliza” toda informação.

O texto jornalístico de divulgação científica, por exemplo, é marcado por uma dinâmica que intercala o dizer de uma posição mediadora, ocupada pelo jornalista, e inscreve, simultaneamente, um outro dizer na construção da reportagem de divulgação científica. Assim, o discurso de divulgação é apresentado por Zamboni como a “reformulação por que passa o discurso científico para se tornar popularizado” (2001, p. 59).

Segundo Grigoletto (2005), esse modo de circulação da ciência acontece quando o sujeito-mediador, ao ter acesso ao conhecimento científico, interpreta-o e o transfere para o telespectador como informações científicas. Isso se dá pelo viés do discurso jornalístico voltado à divulgação científica, por conseguinte, do discurso de divulgação científica.

A diferença entre o discurso científico e o de divulgação se deve a posições-sujeito distintas que “coordenam” esses discursos, a do cientista e a do jornalista, cujos dizeres estão relacionados a posições pré-estabelecidas socialmente. Diferentemente de outros discursos que permeiam a sociedade, o discurso científico é considerado como uma verdade e predomina até mesmo sobre a carga de veracidade que também se tem acerca do discurso jornalístico.

Se, por um lado, o discurso científico se faz de suma importância para a sociedade, por outro, quase sempre é inacessível ou incompreendido pela maioria das pessoas que o toma como verdade. Na busca por uma comunicação mais horizontal entre a comunidade científica e os anseios inerentes à comunidade leiga, acontece à interferência do jornalista como mediador da informação.

É importante ressaltar tal aspecto para compreender o processo de construção das reportagens e para refletir, principalmente no desenvolvimento da análise, sobre as diferentes posições-sujeito que enunciam. O que não se pode negar é que o jornalista exerce função importante de reformulação das informações e não tem passividade nesse processo de produção, pelo contrário. Como muitas outras, a comunidade científica possui termos específicos que, se não forem trazidos para circulação em toda sociedade, podem não “dizer nada” para quem não os conhece.

O jornalista, como qualquer leitor, procede a um gesto de interpretação (ou a gestos de interpretação) em relação ao texto científico (ORLANDI, 2004). É nesse sentido que a divulgação científica não “traduz” a ciência, mas a interpreta, pontos distintos do modo de pensar entre Orlandi e Authier-Revuz. Isso se dá a partir de determinadas formações ideológicas, como sempre ocorre quando se trata da interpretação e do processo de constituição de sujeito e de sentidos, como anteriormente mencionado. Inclusive, pode-se acrescentar que essa posição mediadora do sujeito-jornalista (como será vista na análise) se constitui ao interpretar o discurso científico. O discurso de divulgação científica, por sua vez, também se constitui nesse processo, visto que, como previamente referido, os processos de constituição dos sentidos e dos sujeitos, afetados pela história, ocorrem simultaneamente.

Assim, aquilo que o público leigo “recebe” já é uma interpretação que, orquestrada pelo jornalista, torna mais consistente a concepção dessa posição como mediadora, uma vez que, quando o público tem acesso ao discurso de divulgação científica, não acessa o discurso científico em si nem sua tradução, mas o discurso jornalístico, entendido aqui como gesto de interpretação. É sobre esse gesto de interpretação do jornalista, que agencia outros gestos, outras vozes, que o público vai, por sua vez, também interpretar, ou seja, empreender outros gestos de interpretação.

Dito isso, basilados os dispositivos analíticos, a seguir o estudo trata da análise dos discursos possíveis no caso das reportagens sobre a Fosfoetanolamina Sintética, pensando a tríade: mediação, cientificidade e comoção.

DISCURSO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: MEDIAÇÃO TELEVISIVA, CIENTIFICIDADE E COMOÇÃO SOCIAL

A) Mediação televisiva

Os programas Conexão Repórter (SBT) e Domingo Espetacular (Record) abordam diversos assuntos a cada semana. Os temas de cada edição não são necessariamente de divulgação científica, mas, por vezes, tratam de assuntos sobre ciência da saúde. Na tentativa de tornar as informações relacionadas à ciência médica mais acessíveis, evocam o discurso científico que envolve a fosfoetanolamina sintética.

Recorte I

Enunciado I: Roberto Cabrine(sujeito-mediador): seus médicos te recomendaram que tomasse a fosfo?

Enunciado II: Nathy Estevam (sujeito-paciente): Não!

Roberto Cabrine(sujeito-mediador): Você assumiu o risco?

Nathy Estevam(sujeito-paciente): Total. (Referindo-se a assumir o risco)

Enunciado III: Roberto Cabrine(sujeito-mediador): Você de fato melhorou?

Enunciado IV: Nathy Estevam(sujeito-paciente): Sim! Eu não tenho nem como te descrever como eu melhorei. Por que? O tratamento convencional, a quimioterapia, ela me privou o pensamento, ela me privou a fala, ela me privou o caminhar – ir na padaria comprar o pão para minha família.

Enunciado V: Roberto Cabrine(sujeito-mediador): Você diria que a fosfo te restituiu tudo isso? Nathy Estevam(sujeito-paciente): Tudo isso. (Droga da Esperança - SBT)

Segundo Caldas, “partindo da interpretação da fala do cientista, e mediado pela sua compreensão do conteúdo apresentado e da realidade vivida, o jornalista constrói um novo discurso, o discurso jornalístico” (CALDAS apud Grigolletto, 2005, p. 40). Apesar da inserção de diferentes vozes, ou seja, da mobilização de diferentes posições-sujeito, por meio de um roteiro produzido de posições pré-definidas, o jornalista produz um efeito de discurso homogêneo. Todavia, como se sabe, nenhum discurso é puro, mas

atravessado por discursos outros. É nessa perspectiva que se sustenta a heterogeneidade discursiva.

No recorte I, observa-se uma estrutura sequenciada de frases, enunciados que se caracterizam como texto-entrevista, com perguntas e respostas. O sujeito-mediador inscreve o sujeito-paciente pelo enunciado “seus médicos te recomendaram que tomasse a fosfo?”. Ao mesmo instante, é possível pensá-lo: “seus médicos te receitaram que tomasse a fosfo?”. Isso porque, mesmo ao considerar como práticas médicas recomendar algumas coisas aos seus pacientes, como adaptação a outros hábitos alimentares, atividades físicas e até incentivo ao repouso, o enunciado em questão remete à prática de um sujeito-especialista que detém a verdade, que circula na sociedade, sobre a saúde do corpo: o saber-médico. Logo, o enunciado “recomendaram” produz um efeito de sentido que remonta à ordem, a algo que deve ser seguido, algo como: “seus médicos prescreveram/mandaram que tomasse a fosfo?”. Tem-se o mesmo efeito de sentido quando um paciente se depara com uma receita, uma prescrição médica. Assim, quando o jornalista profere o termo “médicos” e, em seguida, instiga o entrevistado a relatar uma possível ação desse profissional, com o uso do termo “recomendaram”, mobiliza a memória discursiva (social), na qual também se encontra inserido. Assim, se essa recomendação parte de uma saber-verdade, deve ser obedecida. Do contrário, não. E isso se dá por algumas peculiaridades que acontecem até mesmo entre instituições científicas e mídias, como será visto a seguir.

Como uma das possibilidades de produção de sentido, os profissionais da medicina não recomendam, pelo contrário, os médicos receitam. É uma daquelas informações encontradas na memória social, talvez até ocasionada pela resolução⁵ da ANVISA sobre propaganda, publicidade, informação e outras práticas relacionadas à divulgação ou promoção comercial de medicamentos. Independentemente de qualquer natureza, a divulgação televisionada de medicamentos traz, no fim, uma sinalização que pode contribuir para essa memória, como enunciado em formato de texto: “se persistirem os sintomas o médico deve ser consultado”, simultaneamente com percepção visual e sonora, com um fundo azul que se destaca e atrai a atenção do telespectador, o que comprova o pensamento de Zamboni (2001), quando afirma que a

⁵ RESOLUÇÃO-RDC Nº 96, DE 17 DE DEZEMBRO DE 2008, acessado em 17 de novembro de 2017.

divulgação científica coloca o saber-médico, por conseguinte, o exercício da profissão médica em um lugar de “prestígio e poder”.

A partir desse olhar, percebe-se que, para a população, os médicos não recomendam, mas receitam. Esse efeito é mobilizado no campo do interdiscurso, pela memória discursiva, pois se trata de uma compreensão do imaginário coletivo, social. Então, o enunciado permite refletir sobre o pensamento de Orlandi (2001), quando a autora argumenta que a posição-mediadora, neste caso, o jornalista, não é indiferente aos sentidos, pois, no processo de circulação social, receitar é uma prescrição do profissional médico, pelo menos quando se leva em consideração uma atribuição exclusivamente desses profissionais.

Na cena que envolve as duas posições-sujeito – jornalista e paciente –, o jornalista condiciona a resposta monossilábica, “não”, do paciente através da recorrência a um roteiro que direciona e induz respostas do seu entrevistado. Quando questionada se “assumi o risco?”, acontece a retomada do conhecimento científico, pois, quando acontece a negação da prescrição médica, sugere-se que tudo o que não seja determinado, estabelecido pela comunidade médica, apresenta risco à vida. Essa verdade é aceita como evidente por ambos os sujeitos da formação discursiva, sentida até mesmo quando o sujeito-paciente responde com o enunciado “total”.

Atualmente, pode ser designada à comunidade médica, científica, o poder de dizer se o uso de uma determinada substância é plausível para o tratamento de uma doença e, assim, caracterizá-la como medicamento. Quando o jornalista pergunta sobre uma possível prescrição médica, torna-se perceptível que existem outros discursos que “falam antes” e em um “outro lugar”. É a partir deles, então, que se percebem as relações de saber-poder. Por exemplo, o enunciado produz o sentido de que só se toma alguma “droga” com prescrição médica, ou seja, com recurso à medicina que cura doenças.

Schwaab e Zamin veem “o discurso jornalístico como formador de redes interdiscursivas” (2014, p. 53) e Orlandi salienta que “o jornalista lê em um discurso e fala em outro” (2001, p. 151). Ao ser enunciado pela posição-mediadora – “Você de fato melhorou?” – nota-se a estabilização de discursos-outros através da “rede interdiscursiva” formada, principalmente, pelos discursos científico e jornalístico, sem

esquecer da “impureza” de qualquer discurso. Apesar de o saber-médico ser contrário à decisão do uso da substância pela paciente, o jornalista usa de um enunciado corriqueiro quando um paciente vai ao médico, “Você de fato melhorou?”, para contrapor esse saber estabelecido socialmente como verdade à medicina. O jornalista oportuniza, através do operador argumentativo “de fato”, que a paciente externe se existe ali um “tratamento” com resultados desconsiderados, negados pela comunidade científica e também deixa a entender que houve uma pré-conversa com sua fonte pelo uso do indicador de intensidade “de fato”.

O discurso jornalístico, assim como a sequência em análise, apresenta a oposição entre o que é verdade e o que é falso, de modo que o sujeito-mediador instiga essas relações de poder ao colocar em discussão melhoras na saúde da paciente após ingerir um composto químico, mesmo sem a aprovação médica. Consequentemente, fomentam-se os embates entre discurso científico e discurso de senso comum. Por sua vez, nessa luta, percebe-se a heterogeneidade do discurso que, mais precisamente, é potencializada pela mediação televisiva. Neste caso, a posição-mediadora tanto retoma um discurso que circula como verdade – a ciência – quanto inscreve um discurso-outro, ancorado no saber empírico que apresenta oposição ao discurso-verdade, ao demonstrar resultados positivos, contrários a uma área de conhecimento restrita.

Em resposta ao enunciado analisado no parágrafo acima, o sujeito-paciente diz ter melhorado, “sim!”, e começa a descrever a ineficácia e, assim, produz um efeito de sentido de ineficiência, do “tratamento convencional”, ou seja, do saber da medicina. No mesmo, exemplifica o tratamento através da “quimioterapia” como motivo que o “privou” de condições humanas básicas, como o “pensamento”, “a fala”, o “caminhar” e até mesmo “ir à padaria comprar o pão para minha família”. Ressalta-se que os termos quimioterapia e radioterapia são pertencentes ao saber médico, mas que, apesar do uso técnico entre eles, por serem tratamentos padrões, acabam sendo enunciados comumente utilizados em outras formações discursivas, mas sempre produzindo efeitos de sentido, dado o interdiscurso, relacionados à comunidade e ao discurso científico.

No fim do recorte, o jornalista intensifica esse duelo entre saber científico e senso comum, quando pergunta à sua entrevistada se “a fosfo [...] restituiu tudo isso”, todas as condições de vida, ao que ela responde: “tudo isso”. Produz-se, assim, um

efeito de sentido que retoma à promessa, título da reportagem (A Droga da esperança), de endeusamento da substância que, mesmo negada sua eficácia como tratamento para o câncer, pode restituir a suposta normalidade da vida do paciente, dando-lhe esperança. Todavia, se negado o resultado positivo, percebido no dizer do sujeito-paciente, acontece mais uma vez a teatralização da luta travada entre discurso científico e discurso religioso, uma vez que, sem a testificação da ciência, o sentimento de cura se volta à crença da paciente.

B) A construção da cientificidade

Reconhece-se que a ciência é uma construção que precisa de tempo e experimentos para se tornar verdade. Isso serve para mostrar que nem sempre se pode esperar uma testificação da ciência sobre algo com imediatismo.

RecorteII

EnunciadoII. I: Roberto Cabrine(sujeito-mediador): Durante quanto tempo você tomou a fosfo?

Nathy Estevam (sujeito-paciente): 28 dias.

Roberto Cabrine(sujeito-mediador): Quais foram os efeitos?

Nathy Estevam(sujeito-paciente): Ai, excelente! (risos) Olha como eu estou e olha como eu estava (mostra uma foto em que se encontra no leito de um hospital). (Droga da Esperança - SBT).

Enunciado II.II: Roberto Cabrine(sujeito-mediador): Você está usando a fosfo há 38 dias!?

Bernadete Cioffi(sujeito-paciente): Isso! (Com expressão de segurança).

Roberto Cabrine(sujeito-mediador): O que você sentiu nesse período?

Bernadete Cioffi (sujeito-paciente): Eu senti uma melhora significativa no quadro de dor. (Droga da Esperança – SBT).

Enunciado II.III: Patrícia Ferraz(sujeito-mediador): Este laudo revela que o tumor no cérebro do André tinha 3,8 cm de tamanho em agosto deste ano. Depois de 20 dias tomando a substância, um novo exame mostrou uma redução impressionante, o tumor diminuiu para 1,7 cm, menos da metade do tamanho original. (Fosfoetanolamina – Record).

Enunciado III.IV: Teresa Ricci(sujeito-paciente): Eu a tomei por 60 dias e não tive resultados, assim também como não tive resultados com as quimioterapias aprovadas pela Anvisa, não

houve melhoras. Então, tanto a fosfo como a quimio para mim não deu resultados.

Off: Patrícia Ferraz(sujeito-mediador): Apesar disso, Teresa não descarta as cápsulas que sobraram. (Fosfoetanolamina – Record)

O recorte apresenta enunciados diversos das duas reportagens que abordam sempre a mesma questão: o uso da fosfoetanolamina e os seus resultados benéficos, como o apresentado pela jornalista no Enunciado II.III. Trata-se de 4 pacientes de cânceres diferentes que relatam suas experiências e contrariam a ciência pela própria ciência,⁶ pacientes que resolveram apostar na fosfoetanolamina sintética como tratamento para seus variados tipos de câncer. Comparações e análises como essas são possíveis pela semelhança que ambas as reportagens apresentam na construção da cientificidade, que se produz pela padronização e pela roteirização pré-definida do discurso jornalístico.

Uma das primeiras coincidências estruturais que chama a atenção são as testemunhas da eficácia da substância no tratamento, trazidas nos enunciados dos pacientes. Dois outros fatores são: os curtos períodos, quase que instantâneos, de resultados significativos nos enunciados dos sujeitos-pacientes e o desânimo destes diante do tratamento convencional – quimioterapia e radioterapia – aprovado pelo saber médico como eficaz contra o câncer. Porém, o saber médico não é totalmente eficaz na cura de todos os tipos de câncer, o que dá lugar para que se construa uma cientificidade ancorada, muitas vezes, na fé. Esses dizeres de “melhoras” dos sujeitos-pacientes depois do uso da fosfoetanolamina sintética e o discurso de divulgação científica dão peso de verdade à eficácia da substância, mesmo quando as representações institucionais que compõem a comunidade científica dizem que não existem testes clínicos que comprovem sua eficácia no tratamento.

Se a ciência se constrói constantemente e vive em processos de mudança pela experimentação e, se somente através dela é que se pode comprovar alguma verdade a respeito de alguma coisa dentro dessa comunidade, o discurso de divulgação científica toma o protagonismo da ciência e apresenta os resultados (relatos de pacientes) que

⁶ Quando aparece a questão da contrariedade da ciência pela ciência, busca-se dizer que existe um duelo dentro da comunidade científica com relação à substância. De certo modo, se os pacientes dizem ter melhorado com o uso da substância, sabe-se que o composto é uma descoberta da comunidade.

fomentam ainda mais a discussão sobre a negação ou omissão da comunidade científica, por sua vez, caracterizada por não apresentar os resultados exatos, imediatos e eficazes que se espera da ciência médica: curas milagrosas. Isso acontece pelo funcionamento do discurso do jornalismo, pois é o jornalista que busca a fonte e dá voz a sujeitos-pacientes que constituem, a partir dos seus dizeres, efeitos de sentido que fazem o telespectador pensar sobre o que é verdadeiro ou falso dentro daquele contexto. Por isso foi importante ressaltar que o público recebe o discurso de divulgação científica atravessado pelo gesto de interpretação do jornalista.

No Enunciado II. I, o sujeito-paciente, neste caso específico, Nathy Estevam encontrava-se na condição paliativa de câncer à época que aconteceu a reportagem. Em 2015, já fazia 20 anos que buscava algum procedimento médico que amenizasse seu sofrimento diante da doença. Relata em seus dizeres o quanto as limitações científicas lhe frustravam. A paciente faleceu quase 1 ano depois de gravar sua participação, entre muitas lutas que travou com instituições dos diversos poderes representativos, para que fossem agilizados os testes clínicos e a liberalização da fosfoetanolamina.

Desacreditada do tratamento convencional, a paciente se submete à “cobaia” sob os efeitos da fosfoetanolamina sintética, quebrando o protocolo e desconsiderando o saber médico (ou teria o saber médico desconsiderado a vida da paciente?). Diz que agia por conta própria. Para Burkett, a preocupação do saber médico hoje não é descobrir se uma doença tem ou não cura, mas “quando prolongar a vida e a vida de quem deve ser prolongada” (1990, p. 58). Talvez, o fato de enunciados como o do autor se fazerem cada vez mais presentes na sociedade, nos assuntos relacionados à ciência médica, até mesmo quando vistos como conspiração do saber médico e o preço da vida pela sistematização do capitalismo, tenha feito com que a paciente se submetesse ao uso da substância.

Pelo enunciado “durante quanto tempo você tomou a fosfo?”, o sujeito-mediador parece não simplesmente solicitar dados e resultados com períodos, mas estipular um “tempo” pré-estabelecido para resultados positivos, quando se optou pelo uso da substância. De outro modo, o enunciado parece espelhar “durante quanto tempo você testou a fosfo?”, o que produz efeito de sentido de desespero, causando comoção, até porque “experimentação com humanos não é aconselhável, os riscos devem ser

estimados estatisticamente e através de experimentação com não-humanos” (BURKETT, 1990, p. 67). Ao enunciar “28 dias”, o sujeito-paciente estabelece um indicativo de resultados possíveis depois de ingerir a substância e, quando esse dizer circula na produção do discurso de divulgação científica, produz um efeito de verdade, “uma garantia de confiabilidade que adquire seu próprio dizer” (ZAMBONI, 2001, p. 135). O período mencionado é muito curto quando levada em consideração a duração do tratamento convencional ou quando comparado aos 20 anos de luta paliativa. Assim, começa a ser construída uma cientificidade sobre o uso da “fosfo” e, por conseguinte, produz-se um efeito de sentido de esperança, de conforto pelas conquistas, pelos resultados obtidos até o momento de gravação.

Os resultados não são explicitados ou acompanhados por cientistas, pois, até então, o que é apresentado pela comunidade científica se trata apenas de especulações médicas. Por isso, o jornalista busca preencher a lacuna entre o discurso científico e o discurso jornalístico pela informação do dizer/paciente que está sendo apresentado. Em outros termos, se não existe um resultado clínico para ser enunciado na reportagem, então, preenche-se o não-saber médico pelos dizeres do sujeito-paciente que apresenta resultado esperado pelo sujeito-telespectador. Orlandi (2001) explica que essa é uma técnica jornalística da qual o sujeito-mediador se utiliza para aproximar discursos-outros àquele discurso-primeiro, no caso, constituído também pelo discurso de senso comum, de modo a tornar o discurso científico o mais “homogêneo” possível. Como já apresentado neste trabalho, o discurso de divulgação científica carrega em si a credibilidade do fio do discurso científico. Nessa perspectiva, o discurso jornalístico aproveita o efeito-verdade constituído para buscar construir, a partir da imbricação desses dois discursos, científico e senso comum, uma cientificidade. Por isso, busca saber “quais foram os efeitos?” da fosfoetanolamina na paciente.

Pelo mesmo olhar, percebe-se o endeusamento dado à substância pelos resultados milagrosos e em pouco tempo. O enunciado de reposta é enfático: “ai, excelente!”, acompanhado de uma foto de quando a paciente estava hospitalizada e em condições debilitadas. Ela sorri como se estivesse aliviada, “Olha como eu estou e olha como eu estava”, colocando em reflexão seu estado de saúde, sua condição humana em perfeita satisfação com o uso da fosfoetanolamina. Pode-se afirmar que o primeiro

enunciado – “olha como estou” – refere-se a depois de “28 dias”, enquanto o segundo – “olha como eu estava” – refere-se 20 anos nas dependências do tratamento médico. Esse anseio espelha o esperado pelo sujeito-telespectador ao assistir a reportagem. Tudo isso se trata da cientificidade construída pela mediação televisiva. O sujeito-mediador oportuniza, a partir dos enunciados, explorar essa construção e apresenta, mesmo sem o aval científico, casos que, aparentemente, funcionaram.

Burkett (1990) também relaciona o interesse dos jornalistas em escolher as pautas e fontes a partir do valor-vida, nos casos que envolvem a ciência, como no caso das doenças degenerativas e qualquer outra situação que comprometa o direito à vida. Segundo o autor, esse tipo de assunto é sempre critério noticioso, pois há um interesse humano. Por isso, entende-se que, ao se inserir fontes que são pacientes em processo de tratamento e quando eles mostram o que fazem pela cura, ou seja, submetem-se ao uso sem testificação médica, produz-se um efeito apelativo à sociedade. A reportagem, então, apresenta a fonte-paciente como uma prova viva da “cientificidade milagrosa”.

Os resultados que não foram apresentados pelas posições sujeito-especialistas são preenchidos pelos depoimentos sobre as melhoras dos pacientes. Resumidamente, “os testes” de drogas sintéticas que não foram desenvolvidos a partir da ciência médica. Para o sujeito-telespectador, os testes que estão postos em discussão como verdades aparecem através do conhecimento de senso comum, pelos pacientes que correram o risco de perder a própria vida na busca de salvá-la. Existe, nesta questão, uma das maiores preocupações e de maior polêmica na divulgação científica: a realização de testes clínicos, seus procedimentos e como tratar dessa informação quando se faz necessária dentro de um conteúdo de divulgação científica. Assim, pode-se pensar como esses enunciados passam a produzir sentidos ao serem proferidos na mediação televisada que, segundo Zamboni (2001), quando aparecem no discurso de divulgação científica, ganham seguridade e autoridade pelo fio do discurso científico. É o que será analisado agora a partir dos enunciados que constituem essa cientificidade.

A análise, até agora, refletiu sobre a produção de sentidos que causam comoção social, principalmente, pelo fato de o discurso de divulgação científica ser heterogêneo e possuir discursos-outras na sua constituição, responsáveis por esses efeitos de sentido e pela comprovação da existência da heterogeneidade enunciativa. As questões

apresentadas na próxima subseção permitem tratar da heterogeneidade enunciativa como responsável pela comoção social e giram em torno de assuntos relacionados ao saber médico.

C) O funcionamento da heterogeneidade na produção da comoção social

Ainda que não precisamente apontadas aqui, este trabalho oportuniza pensar questões sobre o espaço que não é disponibilizado pela mídia à ciência. Instiga-se propostas de reflexões sobre possíveis fatores que contribuem para a marginalização da sociedade brasileira frente ao conhecimento. Dentre outras, a falta de investimentos em estudos e pesquisas são duas das possibilidades a serem mencionadas como potencializadoras desse espaço negado pela mídia brasileira aos assuntos relacionados à ciência médica, por exemplo, como é o caso do *corpus* desta análise.

A partir de agora, essas suposições passam a ser pontuadas com o atravessamento da Análise do Discurso de linha francesa. As reflexões lançadas nessa seção são possíveis efeitos de sentido decorrentes da relação entre analista do discurso e objeto discursivo e, por isso, serão apresentadas algumas das diversas possibilidades de produção de sentidos.

Em vários percursos tomados na análise dos recortes, é perceptível a importância de a mídia brasileira se voltar à ciência. Para Zamboni (2001), é através da divulgação científica que se pode remediar a privação de conhecimento do senso comum. Somente assim, além de informar a população sobre o desenvolvimento proporcionado pela ciência de modo mais acessível, oportuniza-se que alguém que se encontra na posição sujeito-leigo possa também ocupar a posição sujeito-especialista, pré-estabelecida socialmente para cientistas das mais diversas áreas do conhecimento.

Tal pensamento dialoga com o papel de cidadania da divulgação científica na sociedade, tratado por Orlandi, para quem “jornalismo científico habilita o sujeito a produzir um gesto de interpretação, um movimento da ciência, de socialização do conhecimento que, pela forma que se constituiu, passa a ter um lugar (mais) real no social” (2001, p. 159). Dito de outro modo, a informação científica insere o sujeito em outras formações discursivas que, por sua vez, passam a produzir outras concepções de

mundo e relacionamentos sociais. Suas possibilidades são ampliadas pelo conhecimento.

As reportagens abordadas são constituídas por várias vozes. Isso acontece pelo formato de entrevistas, como apontado no decorrer deste trabalho. O jornalista dá o direito de voz à fonte, seja paciente seja especialista. Entende-se ainda que o jornalista ocupa uma posição pré-estabelecida, posição-mediadora, que pode ser considerada uma forma de negociação do sujeito com a heterogeneidade constitutiva. Na divulgação científica, todos os artifícios que o jornalista pode articular permitem que se compreenda o que está sendo dito através do material noticioso e, por isso, essa relação é predominantemente presente ao longo dos recortes. Principalmente, por se tratar de divulgação televisionada, onde se pode utilizar recursos sonoros e visuais, o jornalista precisa ser ágil e através deles buscar explicitar esse cenário cristalizado, como tem sido construída a ciência.

Então, não menos importante que qualquer elemento de comunicação que possa compor a produção jornalística, apresentar outros sujeitos é sempre um modo de conversação entre sujeito e heterogeneidade constitutiva. Logo, porque ela é constitutiva, permite-se que apareça enquanto mostrada. Nos recortes apresentados aqui, é perceptível a intercalação de vozes de sujeitos-outros em ligação com os enunciados do sujeito-mediador e, como apresentado antes, no pensamento de Zamboni (2001), dessa forma o jornalista produz efeito de verdade ao trazer cientistas e pacientes para discussão dentro das reportagens.

O interessante é que, para inscrever o outro, o sujeito-jornalista precisa entender que o seu dizer não é o importante naquele instante. Há um acordo que acontece pelas técnicas jornalísticas para entrevistas – perguntas e repostas são consentidos nessa relação discursiva – assim como aparecem nos recortes, que apresentam intercalações de enunciados do sujeito-mediador e do sujeito-paciente.

O jornalista precisa dessas outras vozes para que os seus enunciados façam sentido e, por isso, trata de inseri-las. De outro modo, os efeitos dessas inserções permitidas, que caracterizam a heterogeneidade discursiva, são elementos fortes da encenação da informação científica (ORLANDI, 2001). Pontua-se que o sujeito-mediador sabe da existência do outro na formação discursiva e faz questão que o outro

esteja lá para que o sentido do seu dizer aconteça a partir dele. Por isso, marca-o sempre que precisa recorrer ao seu dizer e de modo explícito. Uma produção jornalística como a reportagem exige isso, é uma condição para que se construa o que se sabe como entrevista. Assim, o sujeito-mediador ofusca sua existência para que o dizer-outro apareça com mais intensidade, mas compreende que retorna para o protagonismo sempre que precisa. Em outras palavras, sua tomada de controle é silenciosa.

Considerado o “consentimento” do jornalista às inscrições das posições sujeito-outro, pela afirmação que o seu dizer é o que dizem aqueles que pertencem a formações discursivas diferentes, cientistas e senso comum, constitui-se uma outra formação discursiva que é a do discurso de divulgação científica. Assim, pensa-se na posição que ocupa o sujeito-mediador como uma condição que se constrói a partir dos embates enunciativos, ou seja, da divergência ou encontro das formações discursiva tanto científica quanto de senso comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado o trabalho de análise, abre-se a formulação das percepções tidas a partir da ancoragem deste estudo na Análise do Discurso. Debatido o percurso jornalístico que é tomado enquanto divulgador de ciência, Orlandi (1991) reflete sobre a relação sujeito-mediador como uma posição-sujeito estabelecida pelo/para o funcionamento de formações discursivas diferentes que constituem uma “nova”, a formação discursiva do discurso de divulgação científica. Para que se conseguisse problematizar as amplas questões que assolam a produção do jornalismo científico, mesmo que de modo limitado, foram trazidas para primeiro plano ponderações dos estudos de Burkett (1990) que apontam para as principais divergências quanto à divulgação científica feita por esses profissionais. Isso ajuda a repensar essa formação e qualificação do atual profissional e explica que o jornalista científico precisa, antes de qualquer produção, manter-se atualizado sobre as pesquisas científicas, além de zelar pela boa relação com sua fonte primária, o cientista, fatores que são importantes para que sejam levados conteúdos que tratam de ciência sem espetacularizá-los e assim contribuir para o saber

social, que segundo Zamboni (2001), tem sido cristalizado em uma esfera social – a científica em desfavor da outra – o senso comum.

No que concerne à mediação televisionada pelas reportagens sobre a Fosfoetanolamina Sintética, a mídia brasileira, assim como o incentivo à produção científica do país, encontra-se em percurso, mas segue em passos lentos. Pode-se dizer que isso é reflexo da ausência da cultura científica no Brasil que, muitas vezes, deixa-se tomar pela crença religiosa e abre precedentes para tomadas de decisões equivocadas, como foi a liberação do composto sintético. Nessa afirmação, reflete-se sobre o cenário nacional a partir do Letramento Científico⁷, da realidade preocupante que se perpetua contrária ao desenvolvimento social e à qualidade de vida dos brasileiros, sendo que, ao se comprometer com os assuntos relacionados à ciência, o jornalista exerceria uma importante função social em prol do conhecimento e, possivelmente, reverteria o que foi relatado ao longo deste trabalho.

Para isso, precisam ser criados laços de confiança entre comunidade científica e mídia, por meio de parceria que vise a sanar dúvidas, esclarecer questionamentos e ajudar os que são privados desse saber científico. Assim, é necessário horizontalizar o conhecimento, mesmo que para isso seja preciso despir a comunidade científica de sua cristalização. Grande parte desse desconhecimento é produzida pela própria mídia, quando, no caso das reportagens analisadas, dá mais destaque ao composto não testado e à espetacularização do sofrimento e da cura (visando a causar comoção), do que ao esclarecimento do que de fato está em questão quando o assunto é a divulgação da ciência.

Provas das problemáticas e questionamentos acerca desse assunto fomentaram o desenvolvimento deste trabalho. No mesmo prisma, foi possível, através dos recortes analisados, ancorados na Análise do Discurso, perceber que, diante de uma situação de embates de opiniões relacionadas à ciência, sempre haverá conflitos, principalmente quando a área do saber for a da medicina, pois envolve o valor-vida.

É exatamente por esse motivo que foi possível perceber que o sujeito-mediador oportuniza o direito de voz ao sujeito-leigo dentro da formação discursiva e produz efeitos de sentido de verdade, muitas vezes, mais convincentes que o dizer do cientista.

⁷Letramento Científico <http://acaeducativa.org.br/wp-content/uploads/2014/10/ILC_Letramento-cientifico_um-indicador-para-o-Brasil.pdf>, acessado em 16 de setembro de 2019.

Outro modo de se pensar é a cristalização da comunidade científica, que parece perpetuar o não-diálogo com a comunidade de senso comum e, por isso, quando são apresentados em uma mesma “plataforma”, colocam-se como opostas, divergentes. Ao invés de somarem-se, acabam por se estabelecer em um campo de batalha. Assim, é lançado à sociedade o espetáculo midiático do duelo de saberes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidades enunciativas. Tradução de Celene Cruz e João Wanderley Geraldi. **Cadernos de estudos linguísticos**, 19. Campinas, IEL. 1990.

A DROGA DA ESPERANÇA. Jornalista: Roberto Cabrini. Produção: Conexão Repórter: SBT, 2015. **Youtube**. A droga da esperança – parte 1 (21min 52seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yDfr8fPIC_A>. Acesso em: 16set. 2019.

A DROGA DA ESPERANÇA. Jornalista: Roberto Cabrini. Produção: Conexão Repórter: SBT, 2015. **Youtube**. A droga da esperança – parte 2 (19min 15seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WXMSZypimDQ>>. Acesso em: 16set. 2019.

A DROGA DA ESPERANÇA. Jornalista: Roberto Cabrini. Produção: Conexão Repórter: SBT, 2015. **Youtube**. A droga da esperança – parte 3 (12min 18seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=B2DgcAOA6Lk>>. Acesso em: 16set. 2019.

BURKETT, Warren, 1929. **Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação**. Tradução Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CONEIN, B. ; COURTINE, J.-J. ; GADET, F. ; MARANDIN, E. ; PECHEUX, M. (Orgs.). **Materialidades discursivas**. Tradução de Eni Orlandi et. al. Campinas: EdUNICAMP, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GRIGOLETTO, Evandra. **O discurso de divulgação científica: um espaço discursivo intervalar**, 2005. 269 f. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

INDURSKY, Freda. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: ERNST-PEREIRA, Aracy (Org.). **A leitura e a escrita como práticas discursivas**. Susana Bornéo Funck. – Pelotas: Educat, 2001, p. 27-42.

NAVARRO, Pedro. O pesquisador da mídia: entre “a aventura do discurso” e os dispositivos de interpretação da AD. In: NAVARRO, Pedro (Org.). **Estudo dos textos do discurso: mapeando conceito e métodos**. São Carlos: Clara Luz. 2006.

NOVAS revelações sobre a fosfoetanolamina. Jornalista: Patrícia Ferraz. Produção: Domingo Espetacular: Record, 2015. **Youtube**. (17min 22seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7_YRisdeSak&t=155s>. Acesso em: 16 set. 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leituras e feitos do trabalho simbólico**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 7ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em Análise: sujeito, sentido e ideologia**. 2ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. A Análise do Discurso: três épocas. Tradução de Jonas de A. Romualdo. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Remontemos de Foucault a Spinoza. In: MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje**. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

SCHWAAB, Reges; ZAMIN, Angela. O discurso Jornalístico e a noção-conceito de interdiscurso. **Revista Vozes e Diálogos**. Itajaí, v. 13, n. 01, jan/jun. 2014.p 49-62.



ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica:** subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

Recebido em 29 de setembro de 2019
Aprovado em 29 de novembro de 2019